

AUSÊNCIA DE PODER E DESAMPARO

Alicia Beatriz Dorado de Lisondo¹



“Tenho direito de encontrar o meu pai”

Menino de 11 anos.

“Quero uma mamãe de verdade”... “Vou pedir para Papai Noel uma mamãe.”

Criança abrigada de 2 anos e 8 meses, no processo analítico.



O processo de humanização exige a presença ativa do outro. A cultura, como processo permanente na terceira tópica freudiana, não é o externo, exilado da fronteira do mundo interno. Ela é estrutura, que se encarna nas entranhas do ser como patrimônio hereditário - a tradição - seja para deslocar as metas da pulsão, seja para limitar as suas moções (Freud, 1933), seja para despertá-las ante o trabalho do negativo (Green, 1986). Modelos de identificação, valores, códigos, mitos, proibições e ideais são os fios emaranhados que, como redes, aninham-nos, sustentam e, às vezes, aprisionam. Mesmo tendo em conta as importantes diferenças conceituais, nutridas dos diferentes leitos epistemológicos do pensamento psicanalítico, há notável convergência quando se subentende que o *infantil* - sincrônica e diacronicamente -, muito além do berço cronológico, alberga a matriz primordial e mítica da gênese humana. No seu leito, jaz o *desamparo* [*Hilflosigkeit*].

O outro *freudiano* sacia a necessidade específica da pulsão. Mas, ele ganha corpo metapsicológico e ergue-se como modelo da identificação na encruzilhada edípica, nutre a consciência moral, do superego e da estrutura dos ideais (Freud, 1921, 1930, 1937; Marucco 1998; Smirgel, 1975; Bleichmar, 1997). Este Outro, ser sexuado e desejante, objeto inspirador (Laplanche, 2001), não pode escapar de interpretar à cria, com seus sonhos, projetos identificatórios, ideais. *EROS*, com a sua capacidade de criar ligações de sentimento seja nos vínculos de amor, seja na identificação, é a arma para combater a guerra, a barbárie, o atávico primordial em cada um de nós (Freud, 1933). A privação [*Versagen*] e/ou a perturbação no exercício da autoridade deixam um vácuo de sentido em todas as gerações. Num naufrágio existencial, mergulha-se na barbárie ao invés de promover o esperançoso processo de humanização e socialização, pensamento mediante. A representação e a simbolização são os antídotos contra o desamparo humano (Botella, 2001).

¹ Membro Efetivo, Analista Didata e Analista de Crianças e Adolescentes da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

DESAMPARO

O mestre, já no Projeto, anuncia o prolongado *desvalimento* ontogenético essencial e inicial do recém nascido, marca estruturante da condição humana que conclama o outro para *SER*. Este desamparo é “a fonte de todos os motivos morais” (Freud, 1895:392). A atenção da pessoa providente é conclamada pelo bebê impotente para atender às necessidades devido à imaturidade constitucional, à falta de autonomia, à dependência. O “objeto mãe” psíquico substitui a situação fetal biológica (Freud, 1926), sendo também objeto do desejo, modelo, rival, objeto pensante e estético (Bion, 1962; Meltzer, 1988). O *ser humano* é um *ser social*.

Freud (1926) ressalta que a vida intra-uterina e a primeira infância constituem um contínuo, muito maior do que faz supor a chamativa cesura do ato do nascimento. Frase grávida de conseqüências, que abre, na obra de Bion, o estatuto metapsicológico do protomental e do fértil capítulo do transgeracional (Käes et al, 1993; Imbiasti, 2004). O traumático é potencializado quando há privação ou falhas do objeto nas suas múltiplas funções solicitadas, das quais destaco o exercício da autoridade e o re-conhecimento das diferenças (Lisondo, 2004; Lisondo et alii, 2005). Um projeto humano é abortado quando o vácuo, ou os desvios da transgressão perversa de *um* na ocupação de seu lugar existencial, necessariamente priva o *outro-infans*, adolescente da possibilidade de encontrar o seu lugar num quebra cabeça impossível. Por exemplo, os internos da Febem. A perda do amor do objeto é a angústia diante do Super-Eu presente desde a latência, e a culpa são os perigos potenciais a gerar a situação traumática.

O homem não se livrará vida afora do apelo de AMOR como garantia e fôlego para sua existência. *EROS* é ligação e esperança de trabalho mental. A mãe é, para ambos os sexos, o primeiro objeto de amor (Freud, 1924, 1925, 1931). A *função materna* que conclama a *função paterna* é protetora e fonte arquetípica de segurança desde os tempos primordiais até devir patrimônio na realidade psíquica graças à verdade histórica vivencial. Entretanto, o exercício desta *função* configura também um perigoso *lugar* de poder quando o outro precisa perpetuar não o desamparo ontológico, mas o desamparo patológico. Os progenitores, os líderes perversos ou os educadores (Costa Pereira, 2000) podem fazer um mau uso do poder, abortando o direito de desenvolvimento da vida psíquica. As pulsões destrutivas abafadas e atuadas na mente sempre inacabada ou, em seres submetidos, as identificações projetivas intrusivas, a simbiose patológica (Lisondo, 2004), a adolescência perpetuada, “os delírios de bondade” (Ahumada, 2003), a inversão de papéis (Ferro, 1995), a orfandade psíquica (Lisondo et al., 2005) - crianças que são pais dos pais -, como no quadro de Magritte (1936).

O uso perverso do poder nas instituições responsáveis pelo abrigo, pelo cuidado e educação (Lisondo et alii, 2000), nas quais prevalecem as transgressões, as formações reativas, em que a recusa da realidade psíquica cria e perpetua a deterioração mental, a psicanálise tem, a meu ver, um papel a cumprir.

O DIREITO À DEUS

É notável a persistência da capacidade do ser humano para crer em Deus. A idéia da existência de Deus é solidária à existência do desvalimento da mente na busca de amparo. A adoração é sustentada ante a profunda dor diante da certeza da morte. O aparelho mental humano é precário para tolerar a consciência da morte (Martinez-Sor, 2004). Esta consciência requer uma mente que não seja rudimentar.

A última frase de Cristo na Cruz – “*Pai, por que me abandonaste?*” - é uma queixa sobre o destino *humano* que precisa afrontar à própria morte num último desprendimento, vindo da mão de uma *companhia viva* para não sucumbir no desamparo devido à privação e ao abandono do outro significativo (Rezende, 2005). Deus, pai – primordial -, grande homem, líder, messias, herói, é conclamado diante do sofrimento. A veneração é o continente ante a solidão para onde nos lança a morte pelo corte com a vida, a despedida final. A necessidade de adoração de um objeto intangível como Deus é uma enérgica força emocional, que se perpetua no tempo. Não só, o objeto idealizado, é necessário para as funções defensivas: lidar com as ansiedades persecutórias e a dor depressiva, mas também nas etapas do desenvolvimento um adulto precisa ser idealizado para conter o desamparo (Alvarez, 1992). O perigo da crença é a sua transformação em certeza, levando às atuações e driblando o pensamento. A fé pode revelar a pobreza psíquica, uma prótese da alma para uma subjetividade amputada (Kristeva, 1993). Deus é o nome de uma conjunção constante, pública, enraizada no sentido comum, diferente da relação singular, particular do crente com a “*Divinidade*”. “Deus é uma Constante que é uma incógnita” (Sor - Martinez, 2004: p. 144).

Na contemporaneidade, a Ciência é endeusada. O mito de seu poder explicativo inflama a onipotência humana e pretende sepultar a dor da existência (Lutenberg, 1999). Ou seja, o risco radica na *função* que a ciência pode alcançar. O homem, ao tentar ser Deus, no apogeu da onipotência, arrogância, onisciência, mascara os sentimentos ante o *desamparo pela dor que ele causa*. Bion é o autor que aprofundou a *fé* na clínica psicanalítica. Ela nada tem a ver com a religião. Para ele, “O” é uma constante da natureza desconhecida e incognoscível pelos métodos atuais do conhecimento. A aproximação a “O” exige a renúncia

à memória, ao desejo e ao conhecimento. Quando esta renúncia é possível, um leque se abre inspirado pela fé e pela esperança, numa atitude de procura de momentos transitórios de encontros com a verdade, o belo e o conhecimento. O *insight* permite a transformação!

AUTORIDADE E AUTORITARISMO

“quando a brancura e a crueldade lutam por um reino,
o contendor mais bondoso é vencedor mais cedo...”
Henrique V, 3º Ato, Cena 6, linhas 104 a 110².

É preciso distinguir autoridade de autoritarismo. *Auctoritas*, do latim, é a raiz de *autoridade*; no século XIII, “criador”, “autor”, “fonte histórica”, “promotor”; “autorizar”, “testemunho”; no século XIV, “octoridade” e, no XV, “obturidade”, que referem a “ascendência”, “dominação”, “força”, “potência”.

O EXERCÍCIO DA AUTORIDADE implica uma relação de assimetria e uma diferença ordenadora e simbólica, na qual o *lugar* de uma superioridade precisa ser reconhecido. No processo analítico, o *lugar* do analista é assimétrico na sua essência.

O Super-Eu é o pai a-pessoal e a fonte de todas as crenças religiosas (Meltzer,1994) . No modelo freudiano (1923, 1926), ele é herdeiro do sepultamento do complexo de Édipo e ergue as barreiras éticas e estéticas no interior do Eu. Em 1933, Freud especifica as suas atividades: a) a função do ideal, ideais e normas, que serve como parâmetro comparativo de referência - o que o sujeito deve ser; b) a função de auto-observação e, por fim, c) a consciência crítica, a qual contrasta as normas e ideais com as representações do sujeito – que castiga ou premia. A ameaça transforma-se em angústia social e angústia ante a consciência moral. A instância parental introjetada faz temer a ira, o castigo do *super-Eu*, a perda de amor, a morte-projeção ante os poderes do destino. O abandono do super-Eu protetor é vivenciado como angústia de morte segundo Freud. A consciência de culpa que gera a necessidade de castigo opõe-se a todo êxito, é a resistência do *Super-Eu* que também se opõe à cura analítica (Freud, 1926). Cabe discriminar um Super-Eu normativo de um Super-Eu indiferenciado. Neste último, a instância crítica é uma autoridade arbitrária (Bleichmar, 1997). Na configuração edípica lacaniana (1982), a mãe, ao reconhecer *o lugar do pai*, abre as grades da fusão narcísica inicial, para que o *Nome do Pai* - embaixador da lei e da ordem simbólica -, ao separar a simbiose inicial, crie a triangulação em que a *alteridade humana* enraíza-se. O filho não é o *falo* da mãe (Dor,1998). A *função* de autoridade exige maturidade,

preocupação, cuidado, respeito, responsabilidade, disponibilidade, esperança e fé no desenvolvimento do outro. “A cabeça que porta uma coroa não possui tranqüilidade” (*Henrique IV, Parte 2, 3º Ato, Cena 1, linha 31*³). A autoridade do conhecimento científico proclama a lealdade à verdade.

Em contraposição, a autoridade religiosa deriva da certeza da existência de Deus, o que não quer dizer que o sentimento religioso não possa ser verdadeiro. Em *Memórias do Futuro* (Bion, 1975), o Sacerdote adverte que a lealdade a Deus deveria ser indistinguível da lealdade à verdade. É o psicanalista quem adverte que “*deveria ser*”, ou seja, que nem sempre é. O bom líder é aquele capaz de mobilizar as emoções associadas com os supostos básicos sem pôr em perigo a estrutura sofisticada do grupo para assegurar a *liberdade* do indivíduo (Bion, 1948-1951). A autoridade pode ser *idealizada* como *DEUS* (Freud, 1927, 1931) para amparar a *desamparada* mente *infantil* (Bion, 1992). Ou seja, a idealização é reveladora desse apelo humano por *segurança, re-conhecimento, amor como garantia de sobrevivência, função paterna deslocada* vida afora, ante a impotência do ser humano marcado pela finitude e a certeza da morte.

A *função da autoridade* é criar, garantir e propiciar a vida de seres sociais, capazes de respeitar tanto aos outros como a si mesmos, para que as potencialidades humanas possam vir a florescer num autêntico desenvolvimento psíquico e em permanente construção do *si-mesmo*.

O AUTORITARISMO usa do outro para navegar nas perigosas e fascinantes águas do próprio narcisismo. Os líderes políticos, religiosos, científicos - como certos “pais” - às vezes exigem, como se fossem monstros sagrados, incondicional devoção dos seguidores, eterna adulação, fonte de submetimento à cruel tirania. Desrespeito ao outro como ser diferente com direito a uma existência própria. O outro pode até ser carne para seu ódio. A dependência estrutural do ser humano pode levar ao apelo para que um líder surja como messias para garantir alucinadamente o sentimento de segurança.

O bom líder usa da autoridade impulsionado por *EROS* *ciente de sua função*, inspirado pela fé e pela verdade. O líder autoritário usa diabolicamente da dependência da massa, embriagado por *Thanatos* para alcançar, na pilastra narcísica, eixo vertical, o ápice para o submissão total ao autoritarismo do condutor. A mentira é a sua arma. O delírio nazista reside na erotização da morte (Mezan, 2005) e revela o *mal-estar na civilização* denunciado por Freud (1921). O preço que o ser humano paga pelos laços sociais pode ser o

² Todas as citações de Shakespeare foram obtidas de *The New Penguin Shakespeare*, org. geral de T. J. B. Spencer, Londres: Penguin, 1977.

esquecimento e a renúncia de si mesmo. Antígona e Creonte, por sua vez, exprimem a oposição entre a ordem familiar - a lei particular - e a ordem social, representada pelo Estado - a lei geral (Holanda, 1955).

O PODER NA PSICANÁLISE

No Processo Analítico, Freud revelou o *poder da palavra*. Na psicanálise atual, a *relação emocional* é o alvo em que a pessoa do analista é conclamada a participar do campo analítico e a criar o objeto analítico. A psicanálise tem revolucionário e reconhecido poder transformador quando, por meio do conhecimento do si-mesmo, leva ao desenvolvimento. Lamentavelmente, ela também pode vir a ter um *poder nefasto* quando a cegueira do analista, responsável pelo processo, não permite a percepção e pode enredar-se em conluios que levam à participação na loucura do paciente, ao invés de conduzir ao *insight*. A nossa tarefa impossível é altamente perigosa e exige cuidados permanentes. Freud percebeu o perigo da sugestão na hipnose pelo investimento à pessoa do profissional, percebido pelo paciente como *salvador, profeta* ou *redentor*. A contra-transferência foi tema escabroso a colocar em risco a cientificidade da psicanálise. O analista pode estar cego, perturbado e, inconscientemente, ele, e não o paciente, precisa ocupar o perigoso lugar de Deus. O paciente, com direito a encontrar um Deus (Alvarez, 1992), pode buscar uma garantia de *amor mítico no analista, um refúgio*, numa transferência idealizada e dependente. O analista precisa sustentar esse lugar, ciente dele, para logo poder mostrar a necessidade do paciente da idealização e recuperar, na relação e na re-construção histórica - sem apelar à intelectualização, afastamento defensivo da transferência etc.-, o que se tornou estrutura psíquica, para não criar destinos cegos no interior de uma análise (Marucco, 2003).

Nas Instituições Psicanalíticas, a autoridade deveria zelar e preservar a verdade da psicanálise. Há uma herança científica e clínica a ser cuidada. Mas também a ser renovada e repensada. No desafio da tarefa impossível, seja de transmissão, seja de “*formação*”, assumir a autoridade é assumir, sem delegar, a *especificidade das diversas funções*: analítica com o paciente; docente, de supervisão, de compromisso ativo com a cultura, a comunidade.

Assumir uma posição responsável no exercício da *autoridade científica* implica enfrentar questões relacionadas com a vida ou morte psíquica do outro, mesmo diante da adversidade, intolerância, incompreensão e incapacidade do *ser em formação* de aceitá-la. A

³ Cf. anterior.

estrutura da subjetividade da *autoridade legítima o seu poder*, conceito sempre relacional (Itaparica, 2005).

A capacidade mental de todos os membros deveria ser alimentada, respeitando à verdade. A ausência de poder, marca da contemporaneidade, em que há uma recusa a aceitar às diferenças, leva não ao desamparo estruturante do ser, mas a morte psíquica!

...a causa de cada e de todo crime que cometeros é, precisamente, esse excessivo amor a nós mesmos, um amor que nos cega em relação às faltas dos entes queridos e nos faz maus juízes da bondade, da beleza e da justiça, por acreditarmos que devemos honrar mais o nosso próprio ego do que a verdade. Quem aspira à grandeza deve admirar não a si mesmo e seus próprios atributos, mas aos atos de justiça, não só quando por si mesmos praticados, mas especialmente quando anoitecer de serem praticados por outrem. É devido a esse mesmo defeito do egoísmo que os néscios estão sempre convencidos da sua própria astúcia, motivo por que supomos saber tudo quando somos quase totalmente ignorantes; de forma que, graças a não deixarmos para os outros o que não sabemos resolver, inevitavelmente falhamos quando procuramos resolvê-lo nós mesmos⁴
Platão

⁴ Platão. *The Laws*, trad. Por Trevor G. Saunder. Harmondsworth, Penguin Book, 1910, p.732.

BIBLIOGRAFIA

- AHUMADA, J.L. (2003) – O Renascimento dos ídolos. O inconsciente freudiano e nietzscheano. *The British Psycho-Analytical Society*. London: Int. j. Psycho-Anal., Pp. 11-26, 2003.
- ALVAREZ, A. (1992) – O Anjo Necessário: A idealização com um desenvolvimento. *Live Company – Psychoanalytic Psychoterapy with Autistic, Borderline, Deprived and Abused Children*. London: Tavistock Clinic. Cap. 9, 1992, Pp 130-9.
- BION, W. R. (1948-51) – Experience in groups. In *Humans Relations*, vol I – IV, 1961.
- _____. (1962) – *Learning from Experience*. London: W. Heinemann, 1962.
- _____. (1970) – *Attention and Interpretation*. London: Tavistok, 1970.
- _____. (1975a) – *Memoir of the Future: The dream*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975.
- _____. (1975b) – *Memoir of the Future: The Past Presented*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975.
- _____. (1975c) – *Two papers: The Grid and Caesura*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975.
- _____. (1979) – *Memoir of the Future: The Dawn of Oblivion*. Pertshire: Clunie Press, 1979.
- _____. (1992) – *Cogitations*. London: Karnak books, 1992.
- BLEICHMAR, H. (1997) – *Avances en psicoterapia psicoananlítica*. Buenos Aires: Paidós, 1997.
- BOTELLA, C. et BOTELLA, S. (2001) – *La figurabilité psychique*. París: Delachaux et Niestlé, 2001.
- CHASSEGUET-SMIRGEL, J. (1975) - El ideal del yo y su evolución. In *El ideal del yo: ensayo psicoanalítico sobre la “enfermedad de idealidad”*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1991. Pp. 47–67.
- DOR, J. (1998) – *El padre y su funcion en psicoanalisis*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1998.
- FERRO, A. (1995) – *A Técnica de Psicanálise Infantil: A Criança e o analista da relação ao campo emocional.*: Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- FREUD, S (1895) – A propósito de lãs críticas a la “neurosis da angustia”. In *Sigmund Freud Obras Completas*, Vol. III, Amorrortu Editores, Buenos Aires, 1895.
- _____. (1915) – De guerra y de muerte – Temas de actualidad. In *Sigmund Freud Obras Completas*, Vol. XIV, Amorrortu Editores, Buenos Aires, 1915.
- _____. (1920) – Psicología de las masas y análisis del yo y otras obras. In *Sigmund Freud Obras Completas*, vol. XVIII. Buenos Aires: Amorrortu, 1975.
- _____. (1923) - El yo y el ello . In *Sigmund Freud Obras Completas*, vol. XIX. Buenos Aires: Amorrortu, 1984.
- _____. (1924) - El sepultamiento del complejo de Edipo . In *Sigmund Freud Obras Completas*, vol. XIX. Buenos Aires: Amorrortu, 1984.
- _____. (1925) – Algunas consecuencias psíquicas de la diferencia anatómica entre los sexos. In *Sigmund Freud Obras Completas*, vol. XIX. Buenos Aires: Amorrortu, 1984.
- _____. (1925) – Inhibición, sintoma y angustia. In *Sigmund Freud Obras Completas*, vol. XX. Buenos Aires: Amorrortu, 1979.
- _____. (1927) – El porvenir de una ilusión. In *Sigmund Freud Obras Completas*, vol. XXI. Buenos Aires: Amorrortu, 1979.
- _____. (1927) – El malestar en la cultura. In *Sigmund Freud Obras Completas*, vol. XXI. Buenos Aires: Amorrortu, 1979.
- _____. (1931) – Sobre la sexualidad femenina . In *Sigmund Freud Obras Completas*, vol. XIX. Buenos Aires: Amorrortu, 1984.

- _____. (1932) – ¿Por qué de la guerra? . In *Sigmund Freud Obras Completas*, vol. XXII. Buenos Aires: Amorrortu, 1976.
- _____. (1934) – Moisés y la religión monoteísta. In *Sigmund Freud Obras Completas*, vol. XXIII. Buenos Aires: Amorrortu, 1980.
- GREEN, A. (1986) – Le travail du négatif. *Reue Française de Psychanalyse*, 1, Pp. 489-93, 1986.
- HOLANDA, S. B. de (1955) – *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1955.
- IMBIASTI, A. (2004) – Um suporte teórico para a transgeracionalidade: A Teoria do Protomental. In *Ver. Bras. De Psicanál.* Vol 38, n1, Pp.181-202, 2004.
- ITAPARICA, A. (2005) – O poder do pensamento de Nietzsche. In *Ciclo de aulas preparatórias para o XX Congresso Brasileiro de Psicanálise*. Apresentação na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, 24 de agosto de 2005.
- KAËS, R. et alii (1993) – *Transmissions de la vie psyche entre générations*. Paris: Dunod, 1993.
- KAFKA, F. (1986) – *Carta ao Pai*. Trad: CARONE, M. Título Original “Brief na den Vater”. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.
- KRISTEVA, J. (1993) – *Les nouvelles malaises de l’âme*. Fayard: Librairie Arthème Fayard, 1993.
- LACAN, J. (1978) – *Escritos o2*. México: Siglo Veintiuno Editores AS, 1978.
- _____. (1982) - Las formaciones del inconsciente. In *Las formaciones del inconsciente*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1982. Pp. 65-107.
- LAPLANCHE, J. (2001) – *Entre seducción e inspiración: el hombre*. Buenos Aires: Amorrortu, 2001.
- LISONDO, A. B. D. et alii (2000) – Psicanálise e Educação ou o risco de sepultar o desenvolvimento mental. *Psychê Ver. de Psicanál.*, ano IV, n.5, Pp. 117-132, 2000.
- _____. (2004) – A Subjetividade é construída na Intersubjetividade. *Psicanálise Rev. Bras. de Psicanál. de Porto Alegre*, vol. 6, n.2, Pp. 255-81, 2004.
- _____. (2005) – *O Protomental não realizado*. São Paulo, 2005.
- LUTENBERG, J. (1999) – *La ilusión vaciada: reflexiones acerca de las experiencias reales y virtuales*. Buenos Aires: Grupo Editorial Lassús. Colección Infinito, 1999.
- MAGRITTE, R. (1936) - *L'Esprit de la Géométrie (The Spirit of Geometry)*, 1936
- MARTÍNEZ, M. S. et SOR, D. (2004) – *Brechas en el sueño*. Buenos Aires, Polemos, 2004.
- MARUCCO, N.C. (1998) - *Cura analítica y transferência. De la represión a la desmentida*. Buenos Aires: Amorrortu, 1999.
- MELTZER, D. et WILLIAMS, M. H. (1988) – *The Apprehension of Beauty*. London: The Roland Harris educational Trust, 1988.
- MEZAN, R. (2005) – A Erotização da Morte. *Folha de S. Paulo*. São Paulo: Caderno Mais!, p. 3, 29 de maio de 2005.
- PEREIRA, M.E.C. (2000) – “Mineirinho” ou horro do gozo: o desamparo e o Outro. *Psychê Rev. de Psicanál.* Ano IV, n. 6, Pp. 121-32, 2000.
- RESENDE, A. (1998) - “Ciência da Psicanálise - Psicanálise da Ciência”. Trabalho não publicado. “A capacidade negativa segundo Bion e na atualidade” In *Silêncios e Luzes : sobre a experiência psíquica do vazio e da forma*. São Paulo: Casa do Psicólogo. 1998.
- ROUDINESCO, E. (2002) – *La Famille en désordre*. Paris: Librairie Arthème Fayard, 2002.

Alicia Beatriz Dorado de Lisondo
Rua: José Morano, 313 – Campinas – SP – CEP 13100-055
Fone: 19-3251-5059 e-mail: alicia.lisondo@uol.com.br